

**Existe un romanceiro en lingua galega?
Uma contribuição para a crítica da cultura galega actual**

José Luís Forneiro

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

FORNEIRO, JOSÉ LUÍS (2011 [2009]). “Existe un romanceiro en lingua galega? Uma contribuição para a crítica da cultura galega actual”. En Olivia Rodríguez González e Laura Mariño Sánchez (eds.), *Novas achegas ao estudo da cultura galega. Enfoques literarios e socio-históricos*. A Coruña: Universidade da Coruña. Edición en CD-ROM. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/163>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

FORNEIRO, JOSÉ LUÍS (2009). “Existe un romanceiro en lingua galega? Uma contribuição para a crítica da cultura galega actual”. En Olivia Rodríguez González e Laura Mariño Sánchez (eds.), *Novas achegas ao estudo da cultura galega. Enfoques literarios e socio-históricos*. A Coruña: Universidade da Coruña. Edición en CD-ROM.

* Edición dispoñíbel desde o 14 de abril de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

Existe um romanceiro em língua galega? —uma contribuição para a crítica da cultura galega actual—

JOSÉ LUÍS FORNEIRO

Universidade de Santiago de Compostela

Nos inícios do século XIX tanto o Romantismo alemão como e a recém nascida disciplina da Filologia Românica sentiram um vivo interesse pela velha poesia narrativa da Península Ibérica, isto é, pelos longos cantares épicos medievais e pelos mais breves poemas narrativos, os romances, também nascidos naquela época e que nos séculos XVI e XVII experimentaram uma grande difusão impressa. Logo surgiu a questão da relação genética entre ambos os tipos de poesia narrativa e Manuel Milà i Fontanals e, com posterioridade, Marcelino Menéndez Pelayo e Ramón Menéndez Pidal demonstraram que os romances eram fragmentos dos poemas épicos.

Os escritores românticos de Espanha e de Portugal também se interessaram pelos velhos romances, e mesmo algum deles, como o português Almeda Garret ou a galega Rosalía de Castro, preocuparam-se de os obter na tradição oral dos seus povos, bem para renovar as suas literaturas nacionais, bem para fundá-las. De facto, as primeiras grandes colecções de romances foram reunidas no decurso da segunda metade do século XIX em Portugal e na Catalunha, o qual permitiu que destes países fossem lançadas teorias diferencialistas a respeito do centro peninsular, onde naquela altura mal tinham sido coligidos textos romancísticos. Porém, estas teorias perderam força a partir do descobrimento da vitalidade do género em terras castelhanas por Ramón Menéndez Pidal e a sua mulher, Maria Goyri, em 1900. A partir desse momento, o grande romanista espanhol criou uma rede internacional de correspondentes e colaboradores por todos os países e comunidades de línguas ibero-românicas que fazem com que o romanceiro provavelmente seja o género poético oral mais documentado e mais bem estudado do mundo. Hoje existe um grupo internacional na pesquisa do romanceiro, integrado fundamentalmente por professores e investigadores europeus e norte-americanos, que herdando os princípios basilares e os métodos de Ramón

Menéndez Pidal têm despejado os estudos desta poesia oral das focagens arqueologizantes e nacionalistas (sobre todo castelhanistas), ao tempo que têm incorporado os contributos dalgumas das modernas teorias da literatura e doutras disciplinas.

Portanto, considera-se na actualidade que o romanceiro é um género que tem a sua origem na poesia épica medieval castelhana, mas que logo se abriu a outros temas e motivos chegados do resto da Europa (em não poucos casos através da Catalunha), e que, desde cedo, foi difundido pelos outros territórios ibéricos onde incorporou em maior ou menor medida as línguas locais, reflectindo, desta maneira, a respectiva história sociolinguística. Assim, na tradição oral contemporânea o romanceiro português mal conserva castelhanismos, o romanceiro catalão oferece uma importante presença da língua autóctone, muito mais reduzida no caso galego e praticamente nula nos romances tradicionais das regiões de falas leonesas e aragonesas. Quantos aos temas, a procedência castelhana é quase absoluta em todos os territórios, se exceptuarmos alguma rara excepção no romanceiro sefardita e português, junto a alguns temas autóctones ou de origem francesa no romanceiro catalão, que em ambos os casos apresentam castelhanismos lingüísticos, o qual evidencia a forte identificação da língua castelhana com este género poético.

Na Galiza, alguns vultos do regionalismo galeguista tentaram ocultar o castelhanismo temático e lingüístico do romanceiro do país mediante a tradução e a invenção de textos. Destarte, Manuel Murguía postulou, desde a década de 60 do século XIX, a existência, sem nenhuma base real, duma balada celto-germânica em território galego. O facto de as grandes colectâneas romancísticas coligidas nos inícios do século XX por Alfonso Hervella Courel, Víctor Said Armesto e Aníbal Otero Álvarez, estarem ainda inéditas permitiu que as teses e o textos murguianos (como, o considerado o romance galego por excelência, o *Gaiferos de Mormaltán*) ainda tenham vigência. Enquanto noutros países as manipulações ou falsificações operadas nos romances no século XIX, ou nos primórdios do século XX, por razões estéticas, políticas, morais ou, até, filológicas, já foram devidamente denunciadas, na Galiza do século XXI continua a dar-se validade a anacrónicas teses oitocentistas. Este atraso no estudo do romanceiro galego junto do galeguismo cultural levou o maior especialista actual neste género poético, Diego Catalán, a manifestar o seu desgosto pelo facto de que «la erudición oficial de Galicia siga, en puertas del siglo XXI, sin liberarse de los defectos que arrastra desde hace un siglo» (Catalán, 2001: 87).

Apesar de nos últimos anos terem aparecido importantes trabalhos relativos aos romances da Galiza, como um catálogo dos seus temas (Valenciano, 1998) ou dois livros sobre o seu bilinguismo (Forneiro, 2000 e 2004a), há quem ignore, e mesmo quem oculte, no âmbito galego a existência destes trabalhos; em troca, essas pessoas acreditam em textos manipulados ou falsos que pouco ou nada têm a ver com o romanceiro tradicional galego. Assim, Antón Seoane, membro do grupo de música

tradicional Milladoiro, afirma na sua biografía do sanfoneiro Faustino Santalices que Ramón Menéndez Pidal estudou o romance de *Gaiferos de Mormaltán* (Seoane, 2000: 43), afirmación sem nenhum fundamento, a não ser que se confunda esta composición murguiana com o romance carolíngio de *Gaiferos*, com que não tem qualquer ligazón. Um ano depois o professor da Universidade de Cáceres, Xulio Pardo de Neyra, manifestou sobre o romance dos *Borborinos*, incluído pelo historiador romântico Benito Vicetto no seu romance *El lago de Limia* (1861):

Xa que logo, se a «Cantiga dos Borboriños» parece estar tomada case sen variacións do aparato tradicional galego (Pardo, 2003: 40).

Não sabemos a que «aparato tradicional» se refere, mas o gramático ourensano Juan Antonio Saco y Arce afirmou já antes de 1881 o que segue a respeito deste suposto romance dos *Borborinos*:

Mas, según los informes que hemos tomado, y que nos parecen fidedignos, los tales borborinos [«pobres niños errantes, que a semejanza de los juglares de la Edad Media, andan cantando de una a otra parte, para ganar la vida, romances gallegos, en particular, uno del rey Boborás, de quien tomaron su nombre»] no son sino invención de la fantasía del bueno del Sr. Vicetto (Saco, 87: 36).

Recentemente, o ex-presidente da Real Academia Galega, Francisco Fernández del Riego, indicava, com razão, o atraso nos estudos da literatura oral da Galiza:

O estudio da literatura oral está aínda por realizar en profundidade. Existen, si, ensaios merecentes de se considerar. Pero non responden ao sistema completo de pescuda, ordenamento, que o problema require. Cóntase con coleccións de cantigas, refráns, e algúns romances (Fernández del Riego, 2006: 5).

São confusas as palabras que *Don Francisco* dedica ao romanceiro, mas parece ignorar os últimos trabalhos, nomeadamente, a existência dum catálogo de romances, trabalho com que contam muito poucas tradições romancísticas. Confronte-se o manifestado por Fernández del Riego com o seguinte depoimento de Dorothe Schubarth, uma das principais colectoras da tradição oral galega das últimas décadas:

O canto popular galego divídese en dous xéneros principais, o romance –ou canto narrativo– e a copla. O romanceiro está moi ben estudado, clasificado e publicado, sen embargo hai poucas publicacións sobre as coplas (Schubarth, 2001: 225).

Bem é verdade que o estudo superficial da poesia narrativa tradicional não é exclusivo da Galiza, pois como manifestou Diego Catalán há alguns anos:

la integración del romancero (y de la poesía oral en general) en el campo de la Literatura, por una parte, y de la Antropología por otra, no puede decirse que sean hechos enteramente logrados. Es cierto que las creaciones artísticas de tradición oral han ganado credibilidad como objetos de investigación, y que atraen a muchos (en parte, por lo que todavía tienen de «exóticas» para las gentes letradas). Pero siguen siendo territorio para excursiones esporádicas, para «safaris» científicos de los sabios procedentes de las áreas más céntricas de la Literatura o la Etnografía; y en cuanto esos sabios se ausentan, tierra vacía, donde quien quiera cultiva a su aire (Catalán, 1990: 4).

Mas certamente o desconhecimento do labor realizado pelos «sábios» Víctor Said, Alfonso Hervella e Aníbal Otero na recolha e, em menor medida, no estudo dos romances galegos explica que na Galiza dos séculos XX e XXI o atraso nesta matéria seja mais notório que noutras regiões, sobretudo por considerar autênticos textos apócrifos ou retocados, devido a um excessivo, e na minha opinião, malentendido, respeito pelos «patriarcas» da nação galega do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

A tudo isto devemos acrescentar dois dos princípios que hoje orientam, em bastantes casos, as práticas no mundo da cultura galega criado a partir da institucionalização da autonomia política e da denominada «normalização linguística e cultural» desde os inícios dos anos 80 do século XX: a) A ideia de só os galegos estarem capacitados para estudar e entender «as cousas do país»; b) A consideração de que os notáveis do âmbito académico e cultural galego podem tratar qualquer aspecto da cultura da Galiza. Ao meu parecer, esta conjunção tem dado, em bastantes casos, em trabalhos medíocres (para não dizer péssimos) no campo de estudo das humanidades, muito inferiores aos realizados noutros países do que agora é denominado «o nosso entorno».

Um caso paradigmático da escassa ou nula qualidade de certa produção cultural galega na Galiza dos nossos dias é o livro dos professores Xosé Ramón Mariño Ferro e Carlos L. Bernárdez¹ *Romanceiro en lingua galega*², publicado por Edicións Xerais na sua colecção «Universitaria» em 2002. Nesta obra assistimos à impossível tentativa de querer legitimar as teses e os textos inventados ou manipulados por alguns notáveis galegos nos últimos 150 anos acompanhando-os dos estudos modernos do

¹ Mariño & L. Bernárdez daqui em diante.

² *RLG* daqui em diante.

romanceiro de tradição oral. Como veremos a seguir, é, sem dúvida, espantoso que um trabalho que apresenta deficiências tão gritantes possa ser promovido como uma obra canónica por uma das editoras mais conceituadas da Galiza.

Para já admira que duas pessoas, um professor de antropologia da Universidade de Santiago de Compostela e um professor do ensino secundário, que nunca antes dedicaram um só trabalho ao romanceiro publiquem todo um livro de 400 páginas a este género literário tradicional numa colecção focada ao mundo universitário. E não demora a evidenciar-se a falta de rigor dos autores no labor científico, particularmente filológico, quando se dá uma simples vista de olhos à introdução, à bibliografia, aos índices e à contracapa, pois as falhas que lá encontramos são impróprias dum livro supostamente realizado por especialistas na edição e estudo textual. Assim, na contracapa não figura no elenco de estudiosos do romanceiro galego o nome de Ana Valenciano, apesar de ser a autora do trabalho mais importante sobre o tema; no entanto, Mariño & L. Bernárdez afirmam aqui Teófilo Braga ser o máximo especialista no romanceiro português, quando todo o estudioso da literatura portuguesa, e concretamente, do romanceiro, sabe que os trabalhos deste polígrafo luso há muito tempo que foram ultrapassados. A consideração de Braga no âmbito literário português é equivalente à que gozam na actualidade Amador de los Ríos ou Augusto González Besada nas literaturas espanhola e galega, respectivamente, ou seja, quase nenhuma.

Na «Introdução» é mencionado o romance da *Dama Xelda*, mas, surpreendentemente, depois não aparece estudado na edição. Na bibliografia são indicadas de maneira arbitrária (umas vezes sim, outras não), o número de páginas não só dos artigos, mas, curiosamente, também dos livros que citam, quando este trabalho não se trata duma obra bibliográfica. As versões romancísticas aparecem ordenadas no índice empregando três critérios ao mesmo tempo, o qual é um erro crasso, pois misturam o lugar de recolha com o do colector e com a data da recolha; por exemplo, no romance de *Albaniña* citam assim os dois textos: «Versión de Melide/Versión de Antonio de la Iglesia». (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 404).

No estudo dos romances é onde os autores mostram uma competência na matéria que parece antes própria dum estudante que está a «embutir palha» num exame ou num trabalho que de uns investigadores com formação universitária; lembremos que ambos são professores titulares, um de língua e literatura galega no ensino secundário e outro de antropologia na universidade. Destarte, normalmente apresentam o argumento dos romances, mas nalguns temas «esquecem-se» como é o caso do que intitulam *A solteiriña*³ (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 316). De qualquer modo, as suas apresentações por triviais e óbvias são totalmente desnecessárias para um estudante

³ Mantemos os títulos empregues por Mariño & L. Bernárdez para facilitar a consulta do *RLG*.

universitário: este é seu resumo d' *A virxe o cego*: «O Neno ten fame; un cego dalle mazás e recobra a vista» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 295). Nalguns casos uma coisa tão simples como estes resumos é mal feita como n' *A bastarda e o seitor*: «A filla bastarda do emperador chama un seitureiro á súa cama» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 145), já que em bastantes versões a filha não é bastarda, nem filha dum imperador, mas dum rei ou até do presidente da Europa⁴.

As outras informações com que acompanham os textos só muito raramente servem para melhor conhecer os textos que editam e as características da tradição galega face aos outros ramos do saber romancístico actual; mesmo, em ocasiões, são absolutas trivialidades como quando apontam que numa versão de Ávila o romance de *A bastarda e segador* «leva por título *La bastarda y el segador*» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 145), ou quando acrescem esta «preciosa informação» relativa ao romance *Unha fatal ocasión*: «en castelán adoita chamarse *Una fatal ocasión*» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 175), como se o leitor fosse incapaz de estabelecer a relação entre os títulos. Além disso, devemos lembrar que os títulos não são atribuídos pelos informantes, mas pelos estudiosos e editores, e que existe um título canónico para cada tema no *Índice General del Romancero (IGR)* elaborado pelo Seminario Menéndez Pidal que Mariño & L. Bernárdez parecem ignorar ou do que prescindem sem dar razões do porquê, colocando-se, assim, à margem da tradição nos modernos estudos romancísticos. Também é impróprio da praxe duma obra científica o uso de coloquialismos como *meter* por *incorporar* ou *introduzir* (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 41) ou *velha* por *anciã*, *senhora* ou *idosa* (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 129)⁵, ou a deficiente citação de trabalhos muito presentes na obra, que não incluem na bibliografia final, como um verbete de Camilo Flores⁶, um artigo de Leite de Vasconcelos⁷ ou um livro de Diego Catalán⁸, Além do mais, sentem-se em falta trabalhos imprescindíveis acerca dalguns romances, como, entre outros, o de Pere Ferré sobre *A infanta encantada*, o de Therese Meléndez sobre *O cabaleiro burlado*, o de Beatriz Mariscal sobre *A morte ocultada*, o de Antonio Sánchez Romeralo sobre *A loba parda*, ou Maximiano Trapero sobre *Virxilios*.

⁴ Também se passa o mesmo nos resumos de *A morte do príncipe don Xoán* e d' *O cego raptor*; pois nem sempre as personagens se chamam, respectivamente, Xoán e Ricarda (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 23), e Ana (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 67).

⁵ Aliás, citam mal a referência bibliográfica da versão duma «velha» da vila portuguesa de Melgaço, pois no livro de Pinto-Correia não figura nas páginas 48-49, mas sim nas páginas 206-207 (Pinto-Correia, 1984).

⁶ Trata-se do seu trabalho sobre o «Gaíferos de Mormaltán» na *Gran Enciclopedia Gallega*.

⁷ O título do artigo é «Miuçalhas Galegas» e não «miudalhas» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 27).

⁸ A segunda parte da *Arte poética del romancero tradicional* (Madrid: Siglo XXI) de Diego Catalán foi editada em 1998 e não em 1997, como indicam, por exemplo, na página 42, os autores do *RLG*.

Para além destes erros de tipo geral, o investigador do romanceiro, do romanceiro galego em particular, fica abalado pelo desconhecimento de Mariño e Bernárdez dos aspectos mais básicos no estudo deste tipo de poesia oral. Assim, denominam *variante*, sem justificar o porquê da sua inovação, ao que os estudiosos do romanceiro conhecem por *tipo*, criando, destarte, uma confusão totalmente desnecessária. Por não seguirem os títulos do *IGR*, informam mal acerca dos títulos dos temas e também confundem quanto à difusão dos romances. Assim, indicam que em Portugal o tema de *Floresvento* tem este título (como se noutras áreas tivesse um título diferente), ou manifestam que o romance d'*A infanta preñada* é habitualmente coñecido por *Mal encanto* fora da Galiza, o qual não é verdade porque o título habitual é *La infanta preñada*. Igualmente é falso que exista um tema exclusivo galego intitulado *A infanta encantada*, pois mal se trata da contaminação do romance d'*A Infantina* com o d'*A irmá perdida*. Também é incorrecto afirmar que o romance de *O quintado* é um romance vulgar e que a sua junção ao romance de *A aparición* caracteriza a tradição galego-portuguesa⁹, pois esta contaminação é igualmente conhecida nas outras regiões romancísticas. A descrição parcial da difusão dum romance como, por exemplo, no caso de *Santa Irene* (que eles manifestam estar espalhado só pela Galiza, Portugal, Astúrias e América, quando é um romance testemunhado no resto da Península Ibérica, nas Canárias e junto dos sefarditas) supõe, de facto, fornecer uma informação errónea.

Por outro lado, no que diz respeito às colecções romancísticas, os autores copiam mal os textos da única colectânea inédita que manuseiam, a cópia do romanceiro de Alfonso Hervella Courel, que se encontra depositada no Museu de Ponte Vedra¹⁰ e que, apesar de citar como obra manuscrita na bibliografia final mencionam durante toda a obra como editada¹¹. Especialmente grave é o desconhecimento de os romances do *Cancionero* de Castro Sampedro terem sido coligidos na sua quase totalidade

⁹ «En romances comúns a toda a tradición panhispánica achamos híbridos que son característicos da área galegoportuguesa. Por exemplo, nas versións galegas e portuguesas «O quintado» serve de prólogo a «A aparición da namorada morta» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 21).

¹⁰ Por exemplo, na versão de *Conde Claros en hábito de frade* copian «Muchos dicen» por «Unhos dicen», ou «Si lo hallaras durmindo» por «Si lo hallaras durmiendo», ou «pajarito» por «pajarcito» ou «verdae» por «verdai» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 44-45). A má cópia dos romances da extraordinária colecção de Hervella já foi anteriormente assinalada (Forneiro, 2004b: 84-87).

¹¹ Assim, por exemplo: «*Floresvento*, Edición: Hervella Courel, 270-1» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 33) ou «*Conde Claros en hábito de frade*, Edición: Hervella Courel pp. 14-18» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 44).

por Víctor Said Armesto (Forneiro, 2000: 52-53), já que este desconhecimento faz com que considerem que Sampedro foi o colector dos textos que publicou¹².

Estas seriam, ao meu parecer as falhas mais salientáveis do *RLG* de Mariño & L. Bernárdez, uma vez que a lista completa delas seria comprida e enfadonha, ficamos por aqui na sua constatação. Junto a estas deficiências denunciámos também o objectivo mesmo do livro: a postulação dum romanceiro na língua autóctone da Galiza. A defesa desta suposta realidade por estes autores tem mais a ver, na minha opinião, com o prosaico intuito de acrescentar mais uma publicação aos seus respectivos *curricula* pessoais para poder ocupar um maior espaço no campo literário galego, que com uma militância ideológica nacionalista (seguidora do dogma de considerar a literatura galega aquela que é exprimida em galego)¹³. Com esta finalidade, não hesitam em apresentar-se como os especialistas galegos neste género da poesia tradicional, ocultando, destarte, total ou parcialmente, os últimos trabalhos precedentes¹⁴. O seu trabalho, como já apontamos antes, baseia-se na impossível conciliação de ultrapassadas teorias diferencialistas apoiadas em textos falsos com as edições e os estudos especializados no romanceiro oral produzidos nas últimas décadas, estudos que contradizem o manifestado acerca deste género literário tradicional dos lugares hegemónicos no mundo cultural galego desde o Ressurdimento.

¹² Valha como amostra: «Versión de Lousame. Folclorista: Casto Sampedro e Said Armesto. Ano: 1903. Informante: Dolores Mato Castro, fiadeira de 73 anos. Edición: Sampedro nº 188, pp. 125-6, Said Armesto, 294» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 72). Mariño & L. Bernárdez na história da recolha do romanceiro galego que fazem na introdução do *RLG* esquecem-se do papel fulcral de Víctor Said Armesto (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 18-19).

¹³ Esta é a tradução de Antón Figueroa do conceito de *campo* de Pierre Bourdieu: «O *campo* maniféstase –como un espacio de forzas que actúan sobre os que o integran segundo as posicións que ocupan neste espacio–, pero ó mesmo tempo é un espacio en movemento provocado polo feito de que os integrantes deben actuar en concorrencia para conservaren, conseguiren ou transformaren esas posicións» (Figueroa, 2001: 43).

¹⁴ Assim, ocultam totalmente os trabalhos de Forneiro publicados desde 1990 (Forneiro, 2002: 28) e parcialmente o catálogo do romanceiro galego preparado por Ana Valenciano, que qualificam como «riguroso» na introdução do *RLG*, mas que depois, muito significativamente, ignoram no «estudo» que realizam dos diversos temas, pois o catálogo de Valenciano pouco tem a ver com os textos, a metodologia e as análises do *RLG*. Com posterioridade, em 2004 e 2005, Mariño Ferro publicou dois trabalhos sobre o romanceiro em que não cita nenhum dos trabalhos de Forneiro e de Valenciano apesar da sua incontornável pertinência. É mais: no trabalho de 2005 relativo ao tema de *Celinos* Mariño atribui umas palavras de Forneiro a Anabel Amigo (Mariño Ferro, 2005: 86 e Forneiro, 2001b: 16), portanto, parece clara a vontade de ocultação de Mariño Ferro. Além disto, devemos fazer constar que este antropólogo volta a incorrer nos dois artigos nos mesmos erros que no *RLG*; tão só faremos notar que o trabalho sobre *Celinos* está baseado numa só versão «en galego con versos en español» (Mariño Ferro, 2005: 86), que apresenta a mesma realidade bilingue que as outras versões publicadas anos antes do *RLG*, em consequência, Mariño & L. Bernárdez esqueceram-se de incluir este tema «em língua galega» no seu *RLG*.

Para a elaboração do *RLG* Mariño & L. Bernárdez apoiaram-se em dois princípios fundamentais: 1) a suposição de, ao longo da história, ter existido paralelamente a um romanceiro castelhano um romanceiro galego; e 2) só é literatura galega a literatura manifestada em galego. Assim, afirmam: «o romance (...) pasou a conservarse por escrito en abondosos exemplos en lingua castelá nos pregos e romanceiros dos séculos XVI e XVII. En Galicia as circunstancias de silencio escrito da lingua galega desde finais do século XV impiden a súa recolla» (Mariño Ferro e Bernárdez, 2002: 7). Destarte, estes autores pressupõem que também existiu naquela altura um romanceiro em língua galega, todavia não há indícios de tal coisa, pois o romance que se tem coligido na Galiza durante os últimos 150 anos é de raiz castelhana e, além disso, os textos romancísticos testemunhados na Catalunha e no Portugal dos séculos XV, XVI e XVII estão, na sua imensa maioria, em castelhano ou, no máximo, são bilingues, o qual demonstra o castelhanismo originário do género em todos os países de línguas ibero-românicas. Em consequência, a falta de abonações do romanceiro na Galiza nos fins da Idade Média e nos inícios da Idade Moderna, não deve ser tomada como resultado da falta de cultivo literário em língua galega nesse período, mas antes como a carência ou a fraqueza do sistema literário em língua castelhana na Galiza dessa época.

Na minha opinião, o princípio que considera que só é literatura galega a literatura expressa em galego, deve ser posto em causa relativamente à literatura oral da Galiza, e muito especialmente no que se refere ao romanceiro, uma vez que está bem documentada a presença da língua castelhana em numerosos textos tradicionais.

Dada a inextricável realidade bilingue do romanceiro da Galiza, surpreende que Mariño & L. Bernárdez editem apenas os textos em galego apesar de saberem que um romance tradicional, um tema romancístico, está composto por todas as versões obtidas da tradição oral: «Cada romance (...) preséntasenos como un conxunto de maior ou menor número de versións das que ningunha delas se pode considerar como privilexiada a respeito das outras. Todas son igualmente válidas» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 8). Consequentemente, o leitor pergunta-se: porque só publicam as expressadas em galego? E a esta pergunta acrescentamos uma outra: porque, se exceptuarmos os textos pertencentes à colectânea romancística inédita de Alfonso Hervella só editam versões publicadas? Porque não tentaram publicar os textos dos outros espólios inéditos? Na introdução não manifestam, em nenhum momento, ter-se esforçado por dar a lume outros materiais ainda não publicados¹⁵.

¹⁵ A vontade investigadora de Mariño & L. Bernárdez não parece grande, pois para além de nunca terem coligido um romance da tradição oral e de mal terem pesquisado nas colectâneas inéditas, chegaram a pretextar a dificuldade para encontrar um livro quando foram acusados de preterir o catálogo de Ana Valenciano: «o libro de Ana Valenciano [...] é un libro que cremos que nunca foi distribuído e non é de doada obtención para os interesados neste tema» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 28).

Quando estudei, para a realização da minha tese de doutoramento, relativa ao bilinguismo nos romances galegos, o total do corpus do romanceiro galego conhecido até essa altura, 1997, (6.000 versões de mais de 160 temas, na sua maioria inéditas), comprovei que só 7 temas (4 situados nas margens do género e 3 que parecem importações pontuais da tradição portuguesa) apareciam com todas as suas versões em galego. Mariño & L. Bernárdez, porém, oferecem 82 temas em língua galega no seu livro. Como é possível, portanto, que estes autores apresentem um número tão elevado?

Em primeiro lugar, incluem 10 temas¹⁶ que não passam de ser simples canções narrativas, ou seja, que carecem da variabilidade e das outras características poéticas dos romances tradicionais. Na refutação de Mariño e Bernárdez a um artigo em que denunciei a sua incompetência no romanceiro, como por exemplo, na inclusão de temas não tradicionais (Forneiro, 2002: 28), eles manifestaram que no seu *RLG* pretendiam editar romances, com independência da sua tradicionalidade, manifestação falaz pois é claro que na introdução do *RLG* preocupam-se por definir e caracterizar o romanceiro tradicional face outros géneros pósticos narrativos e nada dizem de publicar canções narrativas carentes de tradicionalidade¹⁷. Portanto, não faz sentido que publiquem no *RLG* romances não tradicionais como uma versão de *Xirineldo* que, na sua ingénua ignorância, qualificam de romance de cego porque «non presenta a acción dramática como se acontecese novamente, o que é propio dos romances tradicionais, senón que refire feitos informando do pasado mediante puras relacións» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 48). Bem é verdade que uma característica fundamental do romance tradicional, à diferença doutros generos narrativos cultos ou semicultos (como o romance de cego), é o seu modo de representação dramática, que reactualiza um passado num presente, mas o facto de um texto narrativo em versos de sete sílabas não apresentar a modalidade narrativa própria dos romanceiro tradicional, isto não quer dizer que fosse composto e/ou difundido por um cego. De facto, esta versão não foi publicada em folhetos de cordel e também não foi composta por uma pessoa cega, pois o seu autor foi, presumivelmente, Manuel Murguía (Forneiro, 2001a: 179).

Outros 13 romances são temas falsos, pois nunca foram obtidos do saber literário oral da Galiza. Estamos perante traduções de romances velhos castelhanos ou de sim-

¹⁶ São os temas intitulados *A morena e a blanca*, *O laranxal do amor*, *A morte da namorada*, *O xogador*, *A fonte do salgueiriño*, *O xastre da Lomba*, *A solteiriña*, *Xan Quintán*, *O casamento do tío Naranxo*, e *O casamento da pulga mailo do piollo*.

¹⁷ «Nós non incluimos como romances tradicionais textos que non o son como «Xan Quintán» ou «O casamento do Tío Naranxo», incluímos simplemente como romances, e é máis que evidente que non se trata de romances tradicionais» (Mariño & L. Bernárdez, 2002b: 28). No *RLG* nada indicam a respeito do carácter não tradicional de todos estes temas.

ples invenções, sem qualquer fundamento na tradição galega¹⁸. Assim, Mariño & L. Bernárdez afirmam, com toda a ingenuidade, que os temas de *Albas Neves* e d'*A Lavandeira* carecem de equivalentes nas outras tradições ibéricas. E não pode ser doutra maneira, pois estes dois temas não passam de ser textos apócrifos que Said Armesto atribuiu a duas supostas informantes, Dolores Mato e Lucía Domínguez (Forneiro, 2002: 139), que também «teriam transmitido» versões tradicionais retocadas ou invenções de outros autores como o *Gaiferos de Mormaltán*, escrito por Murguía (Forneiro, 2000: 37-38). Segundo Mariño & L. Bernárdez a existência duma versão deste tema «recollida por Said Armesto [...] a unha moi boa coñecedora de romances [...]. Dolores Mato semella ratificar a súa autenticidade» (Mariño & L. Bernárdez, 2002: 300-301). Para os autores do *RLG* o facto de existirem versões publicadas por outros estudiosos dos textos apontados como invencionices ou manipulações de Murguía demonstra a autenticidade dessas versões (Mariño & L. Bernárdez, 2002a: 17; Mariño & L. Bernárdez, 2002b: 28)¹⁹. Esta afirmação, evidencia que estes autores ignoram que a troca de textos tradicionais foi prática comum entre os estudiosos galeguistas, como bem indicou Domingo Blanco (Blanco, 1992: 48).

Portanto, 23 dos 82 temas que editam Mariño & L. Bernárdez, mais de 28% do total, não são romances tradicionais. Relativamente aos outros 59, devem descartar-se, no meu entender, por encontrarem-se manipuladas, as versões de Murguía, Antonio de la Iglesia, Marcial Valladares, Said Armesto, Armando Cotarelo Valledor, os irmãos Carré, Faustino Santalices e mais alguma coligida ou editada por outras pessoas do âmbito galeguista. Se a este largo grupo de textos retocados lhe acrescentarmos as versões bilingues, aquelas com versos ou trechos em castelhano, a grande maioria, podemos comprovar como os textos autênticos em galego (aliás, com alguns castelhanismos) ficam reduzidos a um número mínimo. Consequentemente é obrigado perguntar-se; onde o romanceiro em língua galega que defendem Mariño & L. Bernárdez?²⁰. Uma vez que estes autores assumem que um romance é a soma de todas

¹⁸ São *Dona Alda*, *O conde Arnaldos*, *Rosaflorida*, *Lavandeira*, *O conde de Alemaña*, *Albas Neves*, *A filla do rei Ferino*, *Guerinelda*, *Mariana*, *Don Xiraldo e o dragón*, *Xesucristo e a lúa*, *Gaiferos de Mormaltán*, e *A pena da doncela*.

¹⁹ Para Mariño & L. Bernárdez a tese de Manuel Murguía não ter publicado a sua colectânea por causa da gritante falsidade dos seus textos (Forneiro, 1987: 379), não tem fundamento porque também não publicaram os seus textos Hervella, Said e Sampedro (Mariño & L. Bernárdez, 2002a: 17). Ao que parece, para estes autores os motivos que justificam que um romanceiro fique inédito são sempre os mesmos em todos os casos. Igualmente Mariño & L. Bernárdez acreditam na teoria de Murguía não ter publicado o seu romanceiro por problemas editoriais (Mariño & L. Bernárdez, 2002a:17), quando não existem provas disso (Forneiro, 2001: 177-178).

²⁰ Estes autores chegaram a manifestar o seguinte: «como o lector do traballo poderá observar, a nós nos obsesiona a galeguización do romanceiro, ben ao contrario, o traballo está feito en relación con outros ámbitos lingüísticos e territoriais» (Mariño & L. Bernárdez, 2002b: 28). Embora não seja fácil

as versões tradicionais sem exclusões de nenhum tipo, só faria sentido editar as versões em galego (todas elas, incluídas as inéditas, não se esqueça) para estudar a sua língua e eventualmente para confrontá-la com a língua dos textos manipulados e das canções narrativas carentes de tradicionalidade. Poderia comprovar-se como as «três línguas» (a bilingue dos textos tradicionais, a semiculta dos romances vulgares, e a culta das invenções dos vultos da cultura galega) mostrariam diferenças muito significativas.

Muito provavelmente o acientífico livro de Mariño & L. Bernárdez seja uma das obras mais torpes da cultura galega dos nossos dias, mas as suas posições no campo académico e intelectual e os lugares, privilegiados, donde emitiram os seus textos bem indicam que algo está a falhar estrepitosamente no mundo cultural da Galiza contemporânea, onde a falta de crítica²¹ e de pluralismo, as práticas clientelares²² e um doentio diferencialismo identitário estão a dar (em não poucos casos) nuns produtos académicos e culturais medíocres²³, quando não ínfimos, de escasso interesse

interpretar estas confusas palavras para justificar a edição dos romances só em língua galega, é evidente que contradizem o título e o espírito do *RLG*. Também não se compreende muito bem o relativo às relações com outras áreas linguísticas e geográficas, mas parece transparecer a ideia de que como ligaram os textos galegos com os de outras tradições, não estão «obsesionados» pelo ensimesmamento linguístico e identitário que caracteriza a cultura galega actual, nomeadamente quanto ao saber popular. Em 2002 afirmavam a respeito do número de romances em língua galega: «[...] o volume do material reunido é notable» (Mariño e L. Bernárdez, 2002a: contracapa), «Respecto á non existencia dun romanceiro en lingua galega [...] as versións que nós reproducimos son as que coñecemos e non son poucas, mesmo excluindo os que o autor do artigo [Forneiro, 2002] considera dubidosos ou falsos» (Mariño e L. Bernárdez, 2002b: 28). Em 2003 Mariño Ferro modificou a sua tese e, assim, manifestou que o romanceiro en galego «é escaso, pero existe e é moi digno» (Mariño, 2003). A esta afirmação opomos a rica vitalidade do romanceiro tradicional da Galiza, a sua qualidade literária e a sua mestizagem linguística.

²¹ «En xeral, considérase que unha crítica negativa é tempo perdido, que só cómpre falar de libros que pagan a pena. Esta idea, ben que produce unha boa conciencia, agacha dous comportamentos: a covardía dun mundo intelectual que prefire evitar os problemas [...] un mundo no que falar ben reporta muito, falar mal, nada; e o rexeitamento a atacar unha obra cultural, sexa cal for a súa cualidade, xa que é algo a protexer en tanto obxecto cultural. [...] non é verdade que a louvanza unánime deita un cheiro que alcatrea a cemiterio?» (X.G.G., 2004: 23) «Se algo manifesta as deficiencias do campo literario quizá sexa precisamente a ausencia de crítica interna e, sobre todo, a falta de instrumentos capaces de facela (Figuroa, 2001: 165). É decisivo para a homologación da propia cultura manter o criterio científico e racional na análise» (Figuroa, 2001:30).

²² Concordamos com o escritor Xurxo Borrazás na sua descrição do mundo da cultura galega actual: «Este é un país pequeno e todo está moi trabado. Escritores, editores, críticos e artistas coinciden nas mesmas festas. Se queres seguir indo ao mesmo bar hai que levarse ben» (Iglesias, 2007: 43).

²³ Sobre *Levantar as tetas*, livro de poesia de Lupe Gómez, Héitor Mera escreveu estas esclarecidas palavras: «De feito, un ponse roibo ao ver publicadas algunhas cousas que lindan co esperpento. Se as editoriais sacan este tipo de poemarios non é de estrañar que sufran crise de vendas. Realizar unha selección mínima dos textos en pro da calidade é facerlle un favor á nosa cultura» (Mera, 2004). E sirvam como complemento estes depoimentos do profesor Xosé Luís Barreiro e do escritor Xurxo Borrazás: «Este país está cheo de parvadas escritas en galego. Iso contribúe á normalización, pero a partir de certo momento xa non. Teríamos que ser moi críticos coa forma en que a discriminación positiva do idioma

para as gentes da Galiza actual e impresentáveis fora das nossas fronteiras. Ao meu parecer, bem podemos aplicar no âmbito da cultura galega as seguintes palabras de Ferran Toutin a respeito da cultura catalã:

El nacionalismo ha querido hundir la cultura castellana en Cataluña y a la que realmente ha hundido es a la catalana, esto es lo grave. La cultura catalana se ha convertido en una cultura de la subvención y el ridículo. Esto es lo que pasa por tratar a la cultura catalana como si fuera un menor de edad, que es lo que se hace con los niños «que bien dibujas», aunque el dibujo sea una porquería (Cayuela, 2005; 42-43).

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Blanco, D. (1992): *A poesía popular en Galicia 1745-1885*, vol. I. Vigo: Edicións Xerais.

Barreiro, X. L. (2007/3/9): «Este país está cheo de parvadas escritas en galego», *El País* (ed. Galicia), 43.

Catalán, D. (1990): «El campo del romancero: Presente y futuro», *Actas del Congreso Romancero-Cancionero UCLA (1984)*. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas S.A.

Catalán, D. (2001): *El Archivo del Romancero. Patrimonio de la Humanidad. Historia documentada de un siglo de Historia*. Madrid: Fundación Menéndez Pidal-Universidad Complutense de Madrid.

Cayuela Galley, R. (2005): «Por una Cataluña incluyente», *Letras Libres* 48, 42-43.

Fernández del Riego, F. (2006/8/26): «Literatura popular galega», *La Voz de Galicia* (Culturas), 5.

prima ás veces algunhas publicacións sen valor substantivo» (Barreiro, 2007: 43). «Para Borrazás «estamos enfermos de normalidade». «Todos eses refugallos que Blanco Amor pedía dinamitar nos anos 70» [...] «Se poden ler ocasionalmente en galego 200.000 persoas, habería que preocuparse en ofrecer calidade a un público formado» (Iglesias, 2007: 43).

- Figueroa, A. (2001): *Nación, literatura, identidade. Comunicación literaria e campos sociais en Galicia*. Vigo: Edicións Xerais.
- Forneiro, J. L. (1987): «A recolla e o estudo do romanceiro galego». *Agália* 12, 375-394.
- Forneiro, J. L. (2000): *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas*. Oiartzun: Sendoa.
- Forneiro, J. L. (2001a): «Mais Textos para a Produción de Murguía em Língua Galega: o seu Romanceiro Apócrifo» In *Congreso sobre Manuel Murguía* (Arteixo, 25-27 de Maio de 2000). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia. Consellería de Cultura, Comunicación Social e Turismo.
- Forneiro, J. L. (2001b): «Prefacio» In A. Amigo (ed.), *Flor de romances de Cervantes e Pedrafita*. Santiago de Compostela: Follas Novas.
- Forneiro, J. L. (2002): «Fora as vossas torpes maos do romanceiro galego», *A Nosa Terra* 1.046, 28.
- Forneiro, J. L. (2004a): *Allá em riba un rey tinha una filha. Galego e castelhana no romanceiro da Galiza*. Ourense: Difusora de Letras, Artes e Ideas.
- Forneiro, J. L. (2004b): «Armando Cotarelo Valledor, editor e estudioso do romanceiro tradicional galego», *Revista Galega de Filoloxía* 5, 79-106.
- G. G., X. (2004): «É adecuado escribir críticas negativas?», *A Nosa Terra* 1.143, 23.
- Iglesias, O. (2007/3/16): «Estamos enfermos de normalidade», *El País* (ed. Galicia), 45.
- Mariño Ferro, X. R. & C. L. Bernárdez (2002a): *Romanceiro en lingua galega*. Vigo: Edicións Xerais.
- Mariño Ferro, X. R. & C. L. Bernárdez (2002b): «Resposta a unha refutación», *A Nosa Terra* 1.049, 28.
- Mariño Ferro, X. R. (2004/3/14): «O romance en galego é escaso, pero existe e é moi digno». *La Voz de Galicia* (ed. Santiago).

- Mariño Ferro, X. R. (2004): «O romanceiro na obra de Xaquín Lorenzo», In *Congreso sobre Xaquín Lorenzo* (Ourense, 22-24 Abril de 2004). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia. Dirección Xeral de Promoción Cultural.
- Mariño Ferro, X. R. (2005): «A caza de don Celinos», *Madrygal. Revista de Estudios Gallegos* 8, 85-90.
- Mera, H. (2004): «Exhibición impúdica», *Vieiros* (Cartafol de Libros) (www.vieiros.com).
- Pardo de Neyra, X. (2003): «Benito Vicetto e a lírica galega do rexurdimento», *Boletín Galego de Literatura* 29, 21-43.
- Pinto-Correia, J. D. (1984): *Romanceiro Tradicional Português*. Lisboa: Comunicação.
- Saco y Arce, J. A. (1987): *Literatura popular de Galicia*. Ourense: Deputación Provincial.
- Schubarth, D. (2001): «O simbolismo na lírica popular galega», *Anuario de Estudios Literarios Galegos* 2000, 225-246.
- Seoane, A. (2000): *Faustino Santalices Pérez*, Vigo: Ir Indo.
- Valenciano, A. (1998): *Os romances tradicionais de Galicia. Catálogo exemplificado dos seus textos*. Madrid-Santiago de Compostela: Fundación Ramón Menéndez Pidal-Centro de Investigacións Lingüísticas e Literarias «Ramón Piñeiro».